



## A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA DO EX-PRESIDENTE LULA NA MÍDIA BRASILEIRA DE REFERÊNCIA

Mayrla Correia Bento; Jakelyne Santos Apolônio.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ Campus Pau dos Ferros. [mayrla\\_bento@live.com](mailto:mayrla_bento@live.com);  
[jakelyne\\_santos2011@hotmail.com](mailto:jakelyne_santos2011@hotmail.com).

**RESUMO:** A conjuntura política brasileira atual tem sido marcada pelo processo de julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), de *habeas corpus* impetrado pela defesa do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva no processo do caso do Guarujá. Esse acontecimento vem sendo discursivizado pela mídia brasileira com acentos valorativos os mais diversos. Considerando isso, objetivamos analisar, em enunciados veiculados por diferentes veículos *on-line* brasileiros, as estratégias discursivas que eles utilizam para desconstruir a trajetória política do petista e prejudicar suas pretensões de se candidatar novamente a presidência da república no ano de 2018. Teoricamente, este trabalho está amparado na Análise Dialógica Discursiva (ADD), depreendida das reflexões do denominado Círculo de Bakhtin, em interlocução com as contribuições de comentadores desse Círculo. O trabalho assume a perspectiva interpretativa de pesquisa e a abordagem qualitativa como direcionamentos metodológicos. Nosso *corpus* se constitui de notícias veiculadas nas páginas *on-line* dos seguintes veículos: *Isto é* e *o Estadão*. Os enunciados selecionados para análise foram recortados, das páginas desses veículos, no período às vésperas e logo após a prisão do ex-presidente Lula. Os dados preliminares apontam que a mídia brasileira constrói uma imagem negativa do ex-presidente, haja vista as orientações ideológicas em confronto no jogo dos discursos políticos em nosso país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção discursiva, mídia brasileira, análise dialógica do discurso.

### INTRODUÇÃO

Como sabemos, as principais reportagens nos meios de comunicação sobre a política brasileira têm se voltado para a ocorrência da prisão e condenação do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Esse acontecimento político tem sido noticiado nas mais diversas formas e com distintos acentos valorativos. O presidente vem sendo, pois, alvo de ataques, agressões verbais e também chacotas que, evidentemente, mancham e denigrem sua reputação e trajetória política.

Nosso trabalho constitui-se, nesse sentido, de investigar as narrativas relatadas pela mídia brasileira de referência, especificamente as páginas midiáticas *on-line* “Isto é” e “Estadão” que, nacionalmente, são algumas das mais conhecidas e acessadas pelos brasileiros no meio virtual. A análise discursiva do presente trabalho recai sobre os seguintes enfoques/categorias: i) o lugar de produção e recepção dos enunciados; ii) as escolhas lexicais e estilísticas abordadas; e, iii) projeto de dizer expresso.

O trabalho em questão se ampara teoricamente e metodologicamente na teoria/análise dialógica do discurso (ADD) advinda das reflexões do denominado Círculo de Bakhtin e também de comentadores desse Círculo, tais como Ponzio (2012), Miotello (2016) e Faraco (2009), entre outros.

## METODOLOGIA

### 1.1 Caracterização da pesquisa

Este artigo segue a perspectiva teórica do denominado Círculo de Bakhtin, estudos de reconhecimento ascendente no que se refere a grande área da linguagem, e, em especial, das contribuições discursivas.

A abordagem dos dados é feita de forma qualitativa e interpretativa. Dessa forma, recortamos para examinar o gênero reportagem, que constitui aqui o nosso corpus, considerando desde as informações carregadas ideologicamente no gênero, até o uso das imagens ilustrativas, bem como os demais elementos que formam o projeto discursivo do gênero em questão. Sobre isso Lopes-Rossi (2008, p. 64) discute que é necessário atentar para as imagens utilizadas no gênero reportagem, observando

[...] se são apenas ilustrativas do assunto da reportagem ou se permitem outras leituras em decorrência dos recursos expressivos, como: efeitos de luz e sombra; efeitos de cor ou uso do preto e branco em vez da cor, destaque de detalhes; enquadramento da imagem; flagrante de situações insólitas, gestos ridículos ou deselegantes; montagem de duas fotos (cabeça de um, corpo de outro) para criar um efeito caricato.

Assim sendo, a construção imagética também é de essencial importância para a compreensão do gênero reportagem, visto que, conforme a autora, as imagens não apenas servem para ilustrar e/ou situar o leitor/ouvinte em relação ao extraverbal do enunciado, mas também, e principalmente, para (re)confirmar o seu projeto discursivo fazendo persuadir valorações de sentido, segundo o seu posicionamento ideológico.

### 1.2 Constituição do *corpus*

Constituímos o *corpus* deste trabalho de dois veículos *on-line* de circulação nacional “Isto é” e “Veja”, como representantes da mídia brasileira de referência. Para tanto, de cada um destes, selecionamos alguns excertos colhidos referente ao gênero reportagem, no período que antecedeu e após a prisão do ex-presidente Lula.

O motivo da escolha destes sites foi pela carga negativa com a qual eles produzem acentos valorativos sobre o ex-presidente Lula, constituindo assim um número de reportagens publicadas com o mesmo valor semântico.

## EMBASAMENTO TEÓRICO

Vivemos em um mundo repleto de significações, isto é, de signos. Esses remetem a sentidos historicamente construídos nas e pelas relações sociais e ideológicas. Tudo isso significa, no sentido de que tudo é ou faz-se linguagem, necessariamente. Retomando as ideias de Bakhtin/Volóchinov (2010), Ponzio (2012, p.110) afirma que:

Tudo o que faz parte da realidade material pode converter-se em signo, e adquire tal valor apenas na dimensão histórico-social [...]. Tanto os objetos [...] e os bens de consumo podem transformar-se em signos e adquirir, junto com suas funções e com seus usos não sógnicos, também uma função e um uso sógnico. Enquanto um objeto não sógnico é, por assim dizer, igual a si mesmo, não remete a nada, embora coincida completamente com suas características, um corpo sógnico adquire um significado 'que está além de sua particularidade'.

Mediante a citação acima, podemos compreender o quão importante é o entorno sócio-histórico-cultural neste processo de constituição ideológica. São, necessariamente, os sujeitos a partir de suas crenças, preceitos, convicções, sua formação cultural/social que vai atribuindo valorizações ideológicas a um material determinado. Como bem discute Ponzio, um objeto por si mesmo não significa nada, além de sua função social. Mas, quando ele representa ou refrata alguma outra coisa, acresce-se um sentido valorativo exterior a ele, neste caso, ele pode ser considerado um signo ideológico justamente por se revestir de um sentido extra na história da comunicação verbal. Pois, o signo só pode emergir no seio da comunicação humana, nas relações interindividuais entre pelo menos dois sujeitos socialmente organizados, ou até mesmo e também nos diálogos interiores pessoais, uma vez que cada consciência está repleta de signos ideológicos (VOLOCHÍNOV, 2010).

Conforme Volochínov (2010) a materialização da ideologia é, precisamente, a linguagem. A linguagem surge como “lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. A representação do mundo é melhor expressa por palavras, pois que não precisa de outro meio para ser produzida a não ser o próprio ser humano em presença de outro ser humano.” (MIOTELLO, 2016, p. 170). Em complemento do dizer de Miotello, os signos ideológicos necessitam dela para materializa-se, e, nenhum outro suporte pode transportá-la a não ser a língua(gem).

A ordem da ideologia é sociológica, pois brota das relações cotidianas, nos encontros fortuitos e casuais, nas conversas com o vizinho, amigo, familiar, colega de trabalho, etc. até os diálogos com as instituições sociais mais organizadas, como a arte, a ciência, a política e a religião (VOLOCHÍNOV, 2010). Neste sentido, a ideologia não pode ser distanciada ou desvinculada da materialidade social, uma vez que

O homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de “objetos-signo” dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte, e assim por diante. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56)

Produzir signos ideológicos significa, necessariamente, estar inserido em um contexto social determinado, ou melhor, empreende o envolvimento de vários contextos sociais de uso da linguagem, já que não existe um discurso puro; todos os discursos remetem a outros, de outras esferas e de outros tempos.

Cada signo ideológico é responsável pois, por *refletir e refratar* a realidade concreta a sua maneira. No dizer de Volochínov (2010, p. 33), “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”. A ideologia dominante representada pelas instituições sociais (política, religiosa, midiática, científica, jurídica, etc.) tratam de estabilizar o caráter mutável, plural e real do signo com fins de ocultar e mascarar a realidade em face aos seus interesses socioeconômicos e de poder, induzindo os índices sociais de valor, tais como bom/ruim, verdadeiro/falso, etc. (MIOTELLO, 2016).

Somente através e pelo signo é possível ter acesso ao real (NARZETTI, 2013); realidade essa, algumas vezes, deturpada, seja ela consciente ou inconscientemente, pois cada sujeito, com sua concepção valorativa do mundo, pode apreender essa realidade sob um ângulo específico e/ou distinto, daí sua interpretabilidade será outra(s); distintamente singular.

Portanto, por ideologia podemos compreender, as múltiplas atribuições de valores socialmente dados, em meio a reflexão e refração da realidade social que nos rodeia. São os mais autênticos projetos discursivos ou a ilusão dela. Ideologia é, no dizer de Volochínov (no texto “Que é linguagem”) “todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio das palavras [...] ou em outras formas sígnicas” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 138).

## ANÁLISE DO CORPUS

Nas sessões anteriores já nos reportamos aos *veículos on-line* utilizados para composição do *corpus* desta pesquisa, “Isto é” e “Estadão”, uma vez que nos utilizamos dos registros das reportagens destes recursos midiáticos com o objetivo de analisar as construções discursivas elaboradas com a finalidade de produzir acentos valorativos sobre pretensões do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva de disputar a eleição presidencial em 2018.

As escolhas utilizadas passam por estratégias evidenciadas através da linguagem que aqui serão transcritas, pelo quadro, como dados desta pesquisa. Durante esse encontro de vozes, selecionamos duas reportagens de cada um destes veículos midiáticos de referência no Brasil, que compõem o *corpus*, sendo um que antecede e o outro que sucede a prisão do ex-presidente. As categorias de análise passarão pelas ideias do lugar de produção e recepção dos enunciados, as escolhas lexicais e estilísticas preferidas e a produção de sentidos transcorridos pelo projeto de dizer.

As informações aqui descritas e transcritas estão representadas pelos códigos “Antes” representado pela letra (A) e “Depois” indicado pela letra (D). Dessa forma, podemos compreender qual o momento de fala, contexto de produção, dos enunciados nas situações abaixo. Pensando no cenário político atual, vale recordar que, naquele momento, o objeto de discussão de maior interesse a ser narrativizado era a prisão do ex-presidente Lula. Contudo, a nossa pesquisa chama atenção para o fato da confluência dos posicionamentos valorados ideologicamente pela mídia brasileira de referência.

**Quadro 1**

	<b>Isto é</b>	<b>Estadão</b>
<b>Contexto</b>	Crise Política no Brasil.	Crise Política no Brasil.
Prisão de Lula narrada pela mídia de referência.	<p>“A prisão do demiurgo de Garanhuns”. (A)</p> <p>-----</p> <p>“Partidos de esquerda lançam manifesto e ensaiam discurso eleitoral conjunto”. (D)</p>	<p>“Partiu Lula Preso”. (A)</p> <p>-----</p> <p>“Molecagem lulopetista”. (D)</p>
<b>Projeto de dizer</b>	<p>Quais interesses valoram esse sujeito que fala?</p> <p>“Isto é”</p> <p>“Público em geral”.</p> <p>Ou</p> <p>Sujeitos de esquerda (naquele momento)? (A) e (D)</p>	<p>Quais interesses valoram esse sujeito que fala?</p> <p>“Estadão”</p> <p>“Público em geral”.</p> <p>Ou</p> <p>Sujeitos de esquerda (naquele momento)? (A) e (D)</p>

<p><b>Escolhas lexicais</b></p> <p>Quais as “vontades enunciativas” demarcada pelas escolhas feitas?</p>	<p>Por que umas palavras e não outras?</p> <p><i>“Espetáculo deprimente”, “afronta à justiça”, “ao refugiar-se num QG sindical” “Tudo para adiar o inevitável: à ida para trás das grades”. (A)</i></p> <p><i>“Partidos de esquerda”, “lançam manifesto”, “ensaiam discurso”, “conjunto”. (D)</i></p> <p>Como se deu a progressão do texto? -Reportagem</p>	<p>Por que umas palavras e não outras?</p> <p><i>“Partiu”, “preso”, “ex-presidente”, “sem algemas”. (A)</i></p> <p><i>“Molecagem”, “lulopetista”, “baderneiro Guilherme Boulos”,</i></p> <p><i>“Mandou”, “comparsas do MTST”, “ocuparem o triplex”, “ganhou como propina”. (D)</i></p> <p>Como se deu a progressão do texto? -Reportagem</p>
--	---	--

Os enunciados pertencem à esfera jornalística, de circulação nacional e veiculação *on-line*, pelos sites “Isto é” e “Estadão”. De imediato, já devemos associar o verbal que estrutura a reportagem ao visual (anexo I) materializado pelas imagens na sua diversidade (forma, tamanho, cores, figuras, posicionamento no espaço virtual e etc.) que acrescentam valores ao todo do enunciado, direcionando também a seu público e não a outros.

Bakhtin (2011) já dizia, todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva, é a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso, cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política).

As citações acima propõem-se a construir sentido a respeito do dizer do “enunciado”. Essa construção torna-se fundamental pensando na sua relação com o “contexto”, considerando que, segundo Bakhtin (2011, p. 289), “[...] um enunciado absolutamente neutro é impossível. [...]”. Nesse sentido, um enunciado só surge pela necessidade direta ou indiretamente de resposta a outro(s) já dito(s) e nessa troca de situações e/ou de sujeitos no discurso, nessa arena de embates, é que se cria um todo enunciativo que aqui entendemos como o contexto, a situação de produção do enunciado.

No quadro, sugerimos como primeira descrição, o contexto de produção do *corpus*. Para exemplificar transcrevermos os títulos das reportagens que foram estampadas em cada um dos veículos *on-line* nos períodos, respectivamente, antes e

depois da prisão do ex-presidente Lula. Ademais, sugerimos de forma mais ampla em interação com os exemplos um posicionamento geral que revela a motivação para produção dos enunciados analisados.

Remetendo-nos as transcrições do quadro, na categoria do contexto, induz-se a idealização de uma imagem negativa do ex-presidente, haja vista as orientações ideológicas em confronto no jogo dos discursos políticos em nosso país. Portanto, em se tratando de questões contextuais, devemos considerar os demais critérios que estão elencados na tabela, pois cada um deles na sua individualidade, é que ajudam a compreender o todo do enunciado.

Seguidamente, propomos pensar no projeto de dizer, ou seja, quem é o sujeito que fala por traz daqueles enunciados e para quem ele fala, quais posições ideológicas precisam ter aqueles sujeitos, quais interesses valoram esses sujeitos que falam no tocante a sua permanência enquanto representantes de veículos midiáticos de expressiva circulação *on-line* nacionais. Para tanto, ao se deparar e avaliando a situação contextual dos sujeitos que se posicionam e assumem a posição ativa responsiva enquanto “Isto é” e “Veja”, percebemos posições ideológicas motivadas por um jogo de interesses. Da mesma forma que o seu público, os seus interlocutores são sujeitos que comungam das ideias que ali são postas.

Nesse sentido, os sujeitos do “Isto é” e “Estadão”, uma vez que colocados enquanto falantes na citação acima, não foram os primeiros a se posicionarem, isso porque o enunciado materializado por eles na reportagem, só foi ocasionado pela polêmica nacional e internacional que se criou em torno do julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) direcionado a figura política do ex-presidente Lula.

Faraco (2009) contextualiza, afirmando que, para haver uma relação dialógica, algum material linguístico precisa entrar na esfera do discurso em forma de enunciado e para isso, é necessário que o interlocutor tenha fixado a posição de um sujeito social. Assim, é possível fazer réplicas ao dito, confrontar posições, acolher a palavra do outro, confirmá-la, rejeitá-la, ampliá-la e complementá-la.

A partir das palavras de Faraco (2009) podemos compreender a postura, “Isto é” e “Estadão”, enquanto veículos midiáticos de circulação *on-line* nacional. Esse acolhimento a palavra do outro que possibilita ao entendimento de possíveis concordâncias ou discordâncias. No entanto, não acontecem nas reportagens lançadas pela mídia brasileira de referência; poderemos compreender mais adiante este fato na análise das escolhas lexicais feitas, que determina a não imparcialidade na transmissão das

informações e sim, uma mídia que deixa provas claras de posicionamento político partidário assumido e preferência de um público e não outro, sujeitos de esquerda (naquele momento).

São nas escolhas lexicais, que nos perguntamos, por exemplo, o porquê de umas palavras e não outras. Vejamos as duas reportagens estampadas pela “Isto é”, “*A prisão do demiurgo de Garanhuns*” (A) e “*Partidos de esquerda lançam manifesto e ensaiam discurso político*” (D). Primeiramente, a utilização do substantivo “prisão” associando o ex-presidente a figura de um bandido após o resultado do julgamento pelo (STF), dando ênfase a figura de um sujeito totalmente abalado e destruído moralmente. Em seguida, a expressão “*demiurgo de Garanhuns*” que faz referência primeiro a uma definição dada pelo filósofo Platão de um “artesão divino ou o princípio organizador do universo que, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente através da imitação de modelos eternos e perfeitos”. Além de ser aquele operário que trabalha em prol do público, do povo. Ademais, há o complemento Garanhuns, que remete a sua cidade de origem, localizada na mesorregião do agreste Pernambucano. Contudo, tendo em vista o contexto em que a reportagem foi publicada e a posição assumida pelo *site*, percebemos que a construção da reportagem foi elaborada com o intuito de ironizar a ida do Lula para a sede da polícia federal (PF) cumprir o que a ele foi determinado pela justiça.

Na reportagem “*Partidos de esquerda lançam manifesto e ensaiam discurso político*” (D), retirada da “Isto é”, o verbo “lançam” que vem precedido do substantivo “manifesto” refere-se à ação realizada pelos partidos políticos de esquerda, mas não apenas como um recurso que cabe a eles se utilizarem. Na esfera política, a utilização desse verbo automaticamente nos faz recuperar a ideia de candidatura, com isso, a mídia busca persuadir o seu interlocutor e plantar a ideia de que o objetivo daqueles partidos, naquele momento, era de vitimar e utilizar a mobilização da população em prol do Lula para divulgar através dos discursos suas pretensões nas eleições do ano corrente.

Na reportagem do “Estadão”, “*Partiu Lula preso*” (A), temos a ocorrência do verbo “partiu”, que é utilizado com uma frequência bem maior atualmente devido a ocorrência do “*internetês*” para levar praticidade as conversas nas mídias sociais. Sua utilização é frequente em situações em que os sujeitos vão sair de algum lugar para outro naquele exato momento, então, com isso, percebemos a ironia através da informalidade da expressão com a qual se dirige a descrição da reportagem da prisão do ex-presidente Lula.



A transcrição seguinte, no quadro, também do “Estadão” traz “*Molecagem lulopetista*” (D). A primeira impressão que temos, ao ler esta reportagem, é de que não se trata de um veículo de referência nacional pela informalidade com a qual é narrada a prisão de um ex-presidente da república. Compreendemos que, em sua maioria, os excertos aqui analisados passam por construções discursivas, materializadas pelas reportagens, muito bem elaboradas no sentido de atender as expectativas de um interlocutor de esquerda na atual situação, assim como defender a posição política assumida pelo próprio *site* e, ainda, se utilizar de um poder de convencimento persuasivo para atrair aqueles leitores indecisos ou facilmente alienados.

Dessa forma, os dados desta pesquisa indicam que os veículos midiáticos aqui analisados constroem uma imagem negativa do ex-presidente, haja vista as orientações ideológicas e interesses postas em confronto na arena dos discursos políticos que se propagam em nosso país.

Para finalizar, as materialidades analisadas estabelecem um diálogo com o momento sócio histórico atual, interagindo e motivando outros dizeres a partir do que está materializado como enunciado concreto. Para além disso, visualizamos as pretensões da mídia de referência motivadas e marcadas em todas as categorias de análise em fazer circular, oportunamente, as construções discursivas elaboradas em torno da figura do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva com valorações negativamente atribuídas a sua origem, caráter e ao ser enquanto possível candidato.

## CONCLUSÃO

Nosso estudo indica que no ano de 2018, dias antes e após a prisão do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), a mídia brasileira de referência, mediante uma linguagem, por vezes, sem prestígio e de baixo escalão, o que define consequentemente, suas escolhas lexicais e seu projeto de dizer em atingir moralmente o sujeito Lula, como demonstram as marcas linguísticas.

Dois cenários distintos foram observados dentro do mesmo contexto, assim, podemos ter uma visão alargada de todo esse horizonte que é o cenário político brasileiro atual, discursivizado pela mídia de referência. No geral, os resultados revelam a evidenciação dos interesses político partidários envolvidos no jogo dos discursos circulados pela mídia em massa nesse clima de instabilidade que se criou, especialmente, com intuito desmoralizante da figura daquele que vinha recebendo altos índices de popularidade e se mostrava, mais uma vez, como

importante nome para representar os interesses da população brasileira à frente da presidência.

Neste sentido, observamos que a “Isto é” e “Estadão” em suas reportagens sobre a prisão e condenação do ex-presidente Lula da Silva, não só veiculam as informações sobre o cenário político atual, mas sim, e intencionalmente, valoram ideologicamente uma imagem negativa do ex-presidente Lula, em razão de seus interesses econômicos e sociais próprios. Ademais, constatamos que suas estratégias discursivas vão, portanto, para além da imparcialidade jornalística, pois utilizam de um projeto de dizer para desconstruir a trajetória política do petista e prejudicar suas pretensões de se candidatar novamente a presidência da república no ano de 2018.

O trabalho contribui para entender de forma crítica, de como se dá o lugar de produção e recepção dos enunciados analisados, isto é, as escolhas lexicais e estilísticas adotadas e a produção de sentidos transcorridos por meio do projeto de dizer à frente dos interesses valorados ideologicamente pela mídia.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, B. (VOLOCHÍNOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, B. (VOLOCHÍNOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora, 2017.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: **Estética da Criação Verbal.** Tradução de Paulo Bezzer. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin.** Ed. Parábola, São Paulo, 2009.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Práticas de leitura de gêneros discursivos: a reportagem como proposta. In: PETRONI, M. R. (Org.). **Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula.** São Carlos: Pedro João Editores, 2008, p. 51-68.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p.167-176.

PONZIO, A. **A revolução Bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 89-159.

NARZETTI, C. A filosofia da linguagem de V. Voloshinov e o conceito de ideologia. **Alfa: São Paulo**, v. 57, n. 02, 2013, p. 367-388.

## Anexos I

## Molecagem lulopetista

IMPRESSO

17 Abril 2018 | 03h00

O baderneiro Guilherme Boulos mandou comparsas do MTST ocuparem o triplex que Lula da Silva ganhou como propina da OAS